



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CELI NELZA ZULKE TAFFAREL (3)

(depoimento)

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-591

Entrevistada: Celi Nelza Zulke Taffarel

Nascimento: 08/10/1951

Local da entrevista: CEFD/UFES/ Vitória - ES

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 12/09/2015

Transcrição: Luisa Lemos Goellner

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Luisa Lemos Goellner e Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 39 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação da entrevistada na vida acadêmica; Seu envolvimento no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Eleição de 1989; Desafios que enfrentou na presidência deste no período dos anos 1987-1991; Envolvimento com os Estudantes; Ações subsequentes; Atuação no Colégio pós-presidência; Palavras finais.

Vitória, 12 de setembro de 2015. Entrevista com Celi Nelza Zulke Taffarel a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora, primeiro, muito obrigada. Desculpa atrapalhar o seu evento¹. E eu queria que você começasse contando como você se envolveu com o CBCE².

C.T. – Muito bem... Estudei na UFRGS³ de Porto Alegre. Iniciei os estudos e concluí na Universidade Federal de Pernambuco. Ao chegar na Universidade Federal de Pernambuco em 1974, percebi que a formação que eu tivera no Rio Grande do Sul, me instrumentalizou e me possibilitou ter um bom desempenho acadêmico de forma que fui laureada de turma. Isso contribuiu para que, tendo formado em 1976, me fosse possível, já no início do ano de 1977, realizar seleção pública e ingressar na Universidade Federal de Pernambuco e na Universidade Católica de Pernambuco. Ao desenvolver o trabalho percebi que era necessário continuar os estudos. Ingressei no Curso de Filosofia à noite, na UNICAPE⁴. Trabalhava de dia e estudava de noite. Mas, ainda insatisfeita, senti necessidade de estudar cada vez mais e, constituímos um grupo chamado Práxis. Registramos o Grupo Práxis no cartório porque naquela época não existia, como hoje, o Banco dos Grupos de Pesquisa do Brasil no CNPQ⁵. O Grupo constituído de alunos da graduação eu e professores da rede, dedicava-se aos estudos. Sentíamos a necessidade de elaborar cientificamente nossos trabalhos e submetê-los a eventos científicos. Eis que saio de Pernambuco para um evento no norte do país, especificamente no Maranhão, onde tive a possibilidade, então, de ter o meu primeiro contato com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Conheci nessa ocasião o Lino Castellani Filho e o Professor Laércio Elias Pereira. Professor Laércio foi um homem que depositou em mim, eu diria, muita confiança e muita esperança. E ele foi um homem que começou, portanto, a me desafiar para assumir responsabilidades de direção em uma entidade científica. A me desafiar no sentido de assumir responsabilidades com o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Ele era presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte no período de 1985 a 1987 e me incumbiu da responsabilidade de

¹ Entrevista realizada durante o XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte.

² Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Universidade Católica de Pernambuco.

ser representante do Colégio no Estado do Pernambuco. Dalí em diante comecei a fazer um trabalho de construir as representações do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte nos Estados Brasileiros, ou seja, o CBCE no Brasil *inteiro*. Procurava nos Estados professores que tivessem o interesse de colaborar conosco e representar o Colégio no Estado, e vice-versa, o Estado no Colégio. Estas representações passam a ser posteriormente as Secretarias estaduais do CBCE⁶. Nesse ínterim fui assumindo responsabilidades, assumindo responsabilidades até que num processo de transição, de alteração do Estatuto da entidade, alteramos a ideia de presidente e presidente eleito. Eliminamos a figura de “presidente eleito” que passava uma gestão acompanhando os trabalhos do Colégio para na gestão seguinte ser o Presidente. E foi aí, então, que eu assumi como presidente eleita (1987-1989) juntamente com, José Alberto Aguilar Cortez da USP⁷ na vice-presidência, Antônio Roberto Rocha Santos da UFPE como Diretor Administrativo, Claudio Hiroshi Miygima da UNESP⁸, Diretor Financeiro, Micheli Ortega Escobar da UFPE, Diretora Científica e Adroaldo Cesar de Araújo Gaya da UFRGS, Diretor de Divulgação. Na sequência, em um processo disputado, pela primeira vez, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte contou com duas chapas concorrendo para o período de 1989-1991. Submetemos uma chapa composta por mim, Celi Taffarel da UFPE para presidente, Aguinaldo Gonçalves da UNICAMP⁹, da área da saúde, na vice-presidência, Gabriel Humberto Muñoz Palafox da UFU¹⁰, como diretor administrativo, Lino Castellani Filho da UNICAMP, como diretor financeiro, Valter Bracht da Universidade Estadual de Maringá, como diretor científico, Alfredo Gomes de Farias Júnior da UERJ¹¹ como diretor de divulgação. Assumo assim a segunda gestão do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Na primeira gestão (1987-1989) o cargo me foi passado pelo professor Laércio. Na segunda gestão tivemos um grande movimento no Colégio para as eleições e tivemos uma outra chapa, composta pelos seguintes professores: Presidente: Paulo Sérgio Chagas Gomes da Universidade Gama Filho; Vice-Presidente: Maria Beatriz Rocha Ferreira da UNICAMP; Diretor Administrativo: Antônio Carlos Bramante, UNICAMP); Diretor Financeiro: João Batista Freire, UNICAMP; Diretor Científico: Go Tani, USP; Diretor de

⁵ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁶ Secretarias Estaduais.

⁷ Universidade de São Paulo.

⁸ Universidade Estadual de São Paulo.

⁹ Universidade Estadual de Campinas.

¹⁰ Universidade Federal de Uberlândia.

¹¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Divulgação: Luiz Antônio dos Anjos, UFES. Eram duas chapas com perfis diferentes e com propostas diferentes. Vencemos a eleição em Brasília e no período de 1989 a 1991 administrei o Colégio juntamente com os demais componentes da Chapa. Foram aproximações sucessivas ao CBCE, *muito* trabalho, desde pequenas tarefas que fui assumindo dentro do Colégio, até a tarefa e a responsabilidade de ser Presidente por duas gestões.

C.M. – Como você enxergava o CBCE naquela época? Nessa época que você chega a ser presidente? Quais eram as lutas e as ações do CBCE?

C.T. – Três desafios fundamentais demarcam esta época. Primeiro: Era a maior entidade científica das ciências do esporte no Brasil, modelada a partir da concepção do Colégio de Ciências do Esporte Norte-americano, que foi uma instituição fundada por médicos e que, portanto, tinha um determinado perfil. Esse perfil foi alargado, ampliado para considerar outras áreas, não só médica, não só a área da aptidão física, não só a área biológica, mas a área das ciências sociais e humanas. E tivemos, portanto, no meu ponto de vista, com a nossa inserção por dentro do Colégio uma ampliação da compreensão do que é a ciência do esporte, a Educação Física enquanto uma área de estudos, enquanto uma área de atuação profissional. Portanto, nós tínhamos muitas disputas por dentro. Mas daquele período pra cá o colégio cresceu, ele se ampliou e, portanto, como eu disse no início, três coisas fundamentais dessa época: essa caracterização de um médico de uma área, de uma entidade científica aos moldes do que era o colégio americano; uma área científica predominantemente orientada por médicos e aí prevalecendo as concepções da área médica e uma área que começou a ser disputada e nessa disputa, pelo alargamento, nós vamos ver as áreas das ciências sociais, humanas, da terra sendo inseridas no Colégio e também contribuindo para o desenvolvimento teórico da área.

C.M. – Sobre a sua eleição de 1987, como foi montada a chapa da sua gestão? Teve influências externas? Você coordenou o grupo pra montagem?

C.T. – Nesse período, fundamentalmente, o grupo que me antecedeu, no caso, o professor Emidio Bonjardim da USP, o professor Lino Castellani Filho da UNICAMP, o professor

Wiliam Peres Lemos, Escola da Educação Física de Muzambinho¹², o Professor Alberto Puga da UFAM¹³, que hoje é um grande especialista da área do Direito, e o professor Laércio. Eles foram junto comigo, entabulando as discussões, pra ver quem aderiria? O destaque na chapa era a composição com três professores da Universidade Federal de Pernambuco. A Michele Ortega Escobar, como diretora científica, o professor Antônio Roberto Rocha Santos, como diretor administrativo e eu. E isso se devia ao fato de que havia *muito* trabalho e naquela época, na década de 1980, nós precisávamos estar muito próximos estar em uma mesma universidade para poder dar conta do que nós tínhamos que dar conta. Que era: (1) manter a Revista Brasileira de Ciências do Esporte em circulação, conseguir financiamento e manter a periodicidade dessa revista; (2) manter os eventos científicos entre os quais o mais complexo e difícil de realizar eram os Congressos. Portanto, fui responsável pela coordenação geral de três Congressos do CBCE: 1987, em Recife/PE V CONBRACE – Temática Central: A Criança e o Esporte no Brasil; 1989 em Brasília /DF o VI CONBRACE, com a temática: Esporte e Mudança na América Latina e; 1991, em Uberlândia/MG, VII CONBRACE, com a temática Produção e veiculação do conhecimento na Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil: análise e perspectivas; (3) ampliar o número de associados e; (4) nos fazer presentes em todas as instâncias em que fosse requerida a entidade científica para defender os pontos de vista da entidade científica. Trabalho que não se faz só, mas em um coletivo ao qual devo sempre agradecer.

C.M. – Em 1989 o CBCE passou por uma eleição com duas chapas, esse é um momento muito marcante na história do CBCE. Na sua visão, como foi a construção das duas chapas? E o que estava em questão nessa eleição?

C.T. – O que estava em questão eram os rumos do Colégio. Eram perspectivas diferentes que dizem respeito à caracterização do Colégio, à função social do Colégio e nós montamos uma chapa com um perfil crítico, politizado. Essa chapa representava um perfil mais vinculado as questões social e política do Brasil. Ela representava um direcionamento da epistemologia para uma dimensão política. Então, a questão central era responder a pergunta: para que serve o conhecimento científico? Esta pergunta orientava nossa chapa, fundamentalmente, no sentido político, no sentido social. Ou a ciência serve a sociedade ou

¹² Minas Gerais.

¹³ Universidade Federal do Amazonas.

a ciência adquire essa força política para servir a classe trabalhadora ou ela não tem razão de existir. Então esse era o perfil que nós defendíamos, era o perfil que a comunidade científica elegeu pra conduzir o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte no período de 1989-1991.

C.M. – Após essa eleição de 1989 a chapa que perdeu continuou participando do Colégio?

C.T. – A maioria saiu do colégio. Alguns chegaram a solicitar por escrito seu desligamento, ou não pagavam a anuidades. A Chapa concorrente não tinha pessoas com ligação *orgânica* com o colégio. Eles foram momentaneamente organizados para entrar nessa disputa dos rumos do Colégio. Depois eles se afastaram, não se dedicaram, como eu entendo, um cientista deve se dedicar, a maior entidade científica da área, ao maior evento científico da área, colocar as suas ideias e, no empate das ideias, contribuir para dar rumo ao desenvolvimento científico e tecnológico na área.

C.M. – E nessa gestão de 1989, tem alguma ação que você destacaria? Após essa eleição? No período da sua gestão.

C.T. – Eu destaco quatro ações. Primeira: o esforço *enorme* para manter uma revista sem ter os canais que nós temos hoje, de apoio a periódicos. Segundo lugar: O esforço *enorme* para fazer um evento científico que estava previsto para a USP de São Paulo, que não aconteceu na USP de São Paulo por quê? Por que os colegas da USP de São Paulo queriam atribuir à Direção do CBCE atividades subalternas às decisões científicas. Tanto é que nós não realizamos o evento na USP e realizamos na Federal de Uberlândia. Foi uma guinada em decorrência dos conflitos e da forma como estavam tratando o Colégio e sua direção. A linha científica do Colégio, as tendências e abordagens que defendíamos. Terceiro lugar; foi um período em que nós estávamos instalados na UNICAMP e fizemos um esforço *enorme* pra informatizar o Colégio usando a estrutura da UNICAMP, pra organizar o colégio, pra fazer o colégio funcionar e fazer chegar nas mãos dos associados o boletim. Fazer chegar na mão dos associados a revista. Fazer acontecer os eventos e fundamentalmente em quarto lugar: A nossa participação *enorme* na Constituinte da época que foi aprovada em 1988 e que se desdobrava, na sequência, nas demais Leis. Nossa participação na defesa das leis para democratizar e universalizar a educação pública. Nossa

participação nos encaminhamentos para a elaboração das leis e diretrizes base da educação nacional. A nossa relação com outras entidades científicas, a questão da SBPC¹⁴, a questão da nossa inserção em outros espaços onde eram discutidas questões do âmbito da cultura, do esporte, da educação, da ciência e da tecnologia. Destaco isso como ações *importantíssimas* que realizamos com sangue, suor e *lágrimas*, em condições *completamente* adversas pra manter viva essa instituição que hoje é o que é.

C.M. – Professora, após a saída da posição, mais diretamente como presidente, você continuou no colégio? Você assumiu mais um cargo em GTT¹⁵ ou em Secretarias ou na própria Direção?

C.T. – Sim, eu me dispus a coordenar o GTT, e era o GTT de Formação Profissional e Mundo do Trabalho. Me propus a ser parecerista da Revista, me propus a contribuir com a elaboração de documentos. E são documentos que marcaram a história da Educação Física, como a Carta de Vitória¹⁶, no momento em que ocorreu o embate sobre os rumos da formação do professor/profissional de educação física. E fundamentalmente, na minha trajetória de formar pós-graduandos e que atualmente somam aproximadamente setenta mestres e doutores, eu sempre os orientei para que a produção científica desses mestres e doutores fosse apresentada, debatida, questionada, criticada por dentro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

C.M. – Eu queria que a senhora comentasse sobre a sua relação com os estudantes, tanto nas suas gestões como depois no Colégio.

C.T. – Pra nós, a relação com os estudantes foi vital. *Vital*. Nós não tínhamos naquela época, final dos anos 1980, inícios dos anos 1990, mestres e doutores como nós temos hoje. Muito do que realizamos, tínhamos que contar com os alunos da graduação. Muito do que conseguimos realizar, ou fizemos, foi graças à força dos estudantes. Também, a minha relação com os estudantes, com o movimento estudantil, sempre foi reconhecendo que o movimento estudantil *muitas* vezes tinha opiniões mais avançadas do que os cientistas do interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. E eu posso mencionar, por exemplo,

¹⁴ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

¹⁵ Grupos de Trabalhos Temáticos.

no embate sobre formação por profissionais de Educação Física, enfim, em muitas circunstâncias, os estudantes são sempre ponta de lança. Sempre defendi que a anuidade não fosse cara, que o colégio abrisse pros estudantes os seus eventos, então eu creio que nós temos que cuidar da juventude, porque a juventude é o nosso futuro. Nós temos que estar atentos à relação com os estudantes nessa perspectiva. Estar sintonizados aos seus anseios, com suas aspirações. Pra que eles encontrem no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte um espaço pra questionar, pra criticar, pra elaborar, pra se expor, para se formarem enquanto cientistas engajados, intelectuais orgânicos da classe trabalhadora. E eu reputo que nas duas administrações que realizamos, zelamos muito por isto.

C.M. – A definição ou a motivação de você participar do CBCE lá no início, essa definição mudou depois com o tempo?

C.T. – Não, não, não, não. Não, a definição, ela não mudou. Eu me entendo uma professora, pesquisadora, uma cientista da área, em constante e permanente formação. Com todos os meus limites, portanto entendo que a ciência se desenvolve porque existem problemas científicos a serem respondidos. Por que tem métodos científicos sem os quais você não pensa e não altera o real concreto. Porque é necessária a publicação, é necessário eventos científicos, é necessário entidade científica, é necessário comunidade científica. Portanto aquilo que, de uma maneira mais tênue, de uma maneira mais, digamos assim, inicial, hoje está amadurecido do alto desses quase setenta anos que eu tenho dos quais mais de quarenta anos dediquei à universidade pública. E dentro dela o desenvolvimento da ciência e a formação de quadros.

C.M. – A senhora teria algo mais a acrescentar? Sobre essa sua trajetória no CBCE?

C.T. – Hoje eu estou te respondendo por dentro de um evento científico do Colégio, hoje eu percebo que o Colégio avançou e conseguiu estruturar coisas importantíssimas para uma entidade científica. Na área de gestão, na área de administração, na área de comunicação, no campo da inserção junto a outras entidades científicas, junto à construção de políticas públicas. Mas me recinto hoje, nesse momento histórico, de um espaço por dentro do Colégio para o desenvolvimento de uma abordagem marxista. Há uma ciência, há uma

¹⁶ Publicada em 1995.

abordagem científica, que está, me parece, sendo rejeitada, banida, escamoteada, não considerada como deveria, por dentro do Colégio. Eu defendo a referência teórica marxista e constato que nós precisamos defender o marxismo por dentro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte porque hoje, predominantemente não é. Não é, nem do ponto de vista hegemônico, mas também não é nem como minoria que vem se articulando por dentro do Colégio. Então, isso pra mim é *muito* grave porque o Colégio prega que é um Colégio plural. Para ele ser plural tem que admitir. Ele prega, e está no título ali do congresso, a diversidade, então tem que ser consequente nisto. E isso significa, portanto, que todas as abordagens têm que ter o mesmo espaço, tem que ter as mesmas oportunidades pra se exporem. Eu senti que trabalhos de viés marxista foram recusados nos GTTs. Constatei que a concepções marxistas não foi colocada em mesas do Congresso. Então isso... Isso não pode. Não podemos transformar o Colégio em uma igreja onde só rezam aqueles que tem a mesma crença e leem na mesma Bíblia. Temos que alterar essa situação. Portanto, enquanto tiver fôlego, vou continuar atuando dentro do CBCE e de seus Congressos. Pra defender dentro do CBCE e dos seus Congressos uma base teórica que vem sendo banida. Eu vou continuar atuando dentro do CBCE e de seus Congresso, para defender a função social dessa entidade. Essa entidade tem uma função social, e aí dentro dessa função social, a interface com governos, a interface com as políticas, as políticas do Estado, no que diz respeito ao esporte, à educação física, ao lazer, precisa ser encarada criticamente, tendo como referência a emancipação humana, a superação da sociedade de classes. É preciso uma entidade científica forte pra defender isso. Vou lutar pra isso. E também, fundamentalmente, porque a juventude precisa de referências. A juventude precisa reconhecer nos mais velhos, nos veteranos, nos mais experientes, as bandeiras que levantamos, como pontos de apoio pra as suas próprias lutas. Nós não podemos deixar cair certas bandeiras históricas e também não podemos carrega-las sozinhos. E nós precisamos da juventude. E precisamos de uma juventude animada, esclarecida, com uma consistente base teórica, engajada, formada politicamente. E nesse sentido, considero que o CBCE é mais um espaço importantíssimo para esta função social de uma entidade científica. Obrigado.

C.M. – Então é isso, professora. Muito obrigada. Acho que foi ótimo.

[FINAL DA ENTREVISTA]